

A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA EM GOIÁS: SILENCIAMENTOS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIA¹

LITERARY CONSTRUCTION IN GOIÁS: SILENCE, ERASURE, AND RESISTANCE

João Batista Cardoso²
Jeismar Modesto da Silva³

RESUMO

Estudos apontam que o processo de construção literária de um estado ou região é perpassado pelos contextos histórico, econômico, político, social, dentre outros. Partindo desse princípio este estudo tem como foco trazer à tona a conclusão de que os variados cenários produzem diferentes abordagens e sujeitos. Dito isso, questiona-se se esses espaços sempre são ocupados pelos diversos grupos formadores de uma sociedade. Isto posto, pesquisa se torna relevante por possibilitar debates sobre a configuração do campo literário. Ao privilegiar um lócus para esclarecer os pontos assinalados acima, esta pesquisa propõe, como objetivo central, investigar como se deu o desenvolvimento da literatura no estado de Goiás bem como quais autores protagonizaram essa construção literária. Ademais, essa investigação perseguirá, se houve, silenciamento ou apagamento de participantes nesse processo de desenvolvimento do campo literário. Será utilizada nesta pesquisa a metodologia de revisão bibliográfica e enfrentamento do corpus, ampliando as conclusões, por meio da análise de livros, teses, artigos disponíveis em plataformas digitais. Na intersecção entre o histórico e o literário, interessa a este estudo, nomes como Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Bernardo Élis, José J. Veiga, escritores goianos do século XX e Sinvaline Pinheiro, Ademir Luiz e Solemar Oliveira representantes das novas vozes da literatura, dentre outros que surgirão no decorrer desta produção. Considerando suas limitações, espera-se que este estudo possa proporcionar diálogos sobre a formação do campo literário no estado de Goiás, bem como os escritores na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura em Goiás, silenciamento, apagamento, resistência.

ABSTRACT

¹ Este artigo é parte componente da tese intitulada Literatura e História tecendo diálogos: A construção identitária nas memórias e narrativas de José J. Veiga e vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília. Professor titular da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador associado à Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej. E-mail: jc18807@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983523723863605>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2777-6231>

³ Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás(UEG). Mestre em História e Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Professor efetivo na Secretaria Municipal de Educação-Caldas Novas-GO. E-mail: jeismar.modesto@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983523723863605>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2777-6231>

Studies indicate that the process of literary construction of a state or region is permeated by historical, economic, political, and social contexts, among others. In this understanding, the various scenarios produce different approaches and subjects. That said, the question arises as to whether these spaces are always occupied by the various groups that form a society. The research becomes relevant because it enables debates on the formatting of the literary field. The main objective of this research is to investigate how the development of literature took place in the state of Goiás, as well as which authors were protagonists of this literary construction. Furthermore, this investigation will seek to determine whether there was any silencing or erasure of participants in this process. This research will use a bibliographic review methodology that will consist of analyzing books, theses, and articles available on digital platforms. In this intersection between the historical and the literary, this study is interested in names such as Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Bernardo Élis, José J. Veiga, writers from Goiás in the 20th century, and Sinvaline Pinheiro, Ademir Luiz, and Solemar Oliveira, representatives of new voices in literature, among others that will emerge throughout this production. Considering its limitations, it is hoped that this study can provide dialogues on the formation of the literary field in the state of Goiás, as well as writers in contemporary times.

Keywords: Literature in Goiás, silencing, erasure, resistance.

Se a visão dos visitantes que vieram a Goiás, sobretudo no século XIX, era de um lugar relegado ao abandono e atraso, o processo de construção de um campo literário não se mostrou diferente se comparado ao que ocorria em outros estados. Entende-se que essa observação não levou em conta os mais de dois séculos que separaram a chegada dos europeus ao Brasil e o adentramento dos bandeirantes aos sertões do Brasil Central.

Esse “atraso” pode ser justificado pela distância de Goiás para os centros desenvolvidos como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Pelo fato de estarem na faixa litorânea, os três primeiros possuíam uma melhor conexão com a Europa, o que lhes possibilitava acessar mais facilmente as novidades daquelas terras de além-mar.

Diversos estudiosos se debruçaram sobre esta temática com intuito de elencar seus principais fatores, ou, pelo menos tentar justificar o fato de Goiás não acompanhar o ritmo de desenvolvimento dos estados acima listados. Dentre esses, podemos citar como exemplo Gastão de Deus que, ao analisar a literatura produzida em Goiás, aponta que

O isolamento geográfico e espiritual do Estado e, sobretudo em suas regiões norte nordeste, a imaturidade político-administrativa e a preocupação primária de nossos antepassados constituíram as causas históricas que retardaram o aparecimento das primeiras manifestações literárias em Goiás (Deus, Gastão de, em *A Poesia em Goiás*, 1983, p. 33).

Como se percebe, a distância dos centros desenvolvidos-econômica e intelectualmente-é o primeiro elemento apontado como ocasionador da situação do Estado. Ademais, a falta de experiência político-administrativa não permitiu aos governantes a proposição de medidas eficazes para superação de sua condição. Outrossim, o vislumbre de gestores e da elite estava voltado para a exploração das minas de ouro, abundante no período. A importância das minas era tal que motivou José de Alencar a produzir a obra “As minas de prata (1862)”.

Basilar para este estudo, que permitirá uma melhor compreensão do processo de formação da literatura goiana, é dentre outras, a obra *A Poesia em Goiás* (1983) de Gilberto Mendonça Teles. Nesta, o autor aponta que esse constructo literário é dividido metodologicamente em seis períodos. Além dos aspectos cronológicos e políticos, observou-se também eventos culturais e sociais que marcaram a história do Estado.

De acordo com Teles (1983), o primeiro período se inicia em 1726 com a chegada dos mineradores ávidos pela exploração do ouro que, com sua escassez, obrigou parte de seus trabalhadores a buscarem na pecuária e na agricultura o seu sustento. Esse período se estende até 1830 com a publicação do jornal *A Matutina Meia-Pontense*.

O segundo período, de acordo com Teles (1983) vai de 1830 a 1903. Nesse ano é instalada a Academia de Direito de Goiás. Vale ressaltar que, até então, os filhos da elite goiana estudavam em Coimbra (Portugal) ou no Rio de Janeiro. Ainda no mesmo ano, é fundada a Academia de Letras na capital da Província, a cidade de Goiás.

Referindo-se ao papel desenvolvido pela imprensa e pela instituição de letramento, o autor (p.29) afirma que “A fundação do primeiro jornal, o quarto do país, abriu, ainda que vagarosamente, novas perspectivas para os goianos e foi preparando as gerações que, através do jornalismo e da literatura, participaram das

idéias abolicionistas e republicanas”. Outras instituições que impactaram a sociedade goiana foram o Liceu de Goiás, criado em 1847, e o Gabinete Literário Goiano, em 1864. Destaca-se, ainda desse período, a presença do conhecido romancista Bernardo Guimarães residindo na cidade de Catalão e a impressão do primeiro livro em Goiás intitulado *Viagem ao rio Araguaia* (1863) cujo autor Couto Magalhães à época era o governador da Província.

O terceiro período se inicia em 1903 e se estende até 1930, ano em que ocorreu a Revolução. Desse período, o autor destaca (1983, p.30) a agitação em torno da cultura e da literatura. Fato que contribuiu para uma efervescência editorial. Essa movimentação possibilitou que em menos de uma década fossem produzidos: *Alvorada* (1902), *Violetas* (1904), *Agapantos* (1905), *Poesias e Coroa de Lírios* (1906), *Lírios do vale* (1907) e *Bouquet* (1911). Como resultado, o Romantismo tem boa aceitação popular. Ao se referir a esse período Teles aponta que o

Estado viveu, pelo menos nos primeiros anos, a sua mais intensa atividade intelectual, assinalando-se neste período uma inquietação de espíritos, cuja conseqüência imediata é a grande produção literária, principalmente na poesia e no jornalismo, registrando-se também o aparecimento dos primeiros contos... (Teles, 1983, p. 69).

Como se percebe nas afirmações do autor, o solo goiano mostrou-se fértil para o surgimento e diversificação de estilos. Destaca-se ainda desse período a publicação de *Tropas e boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos.

O quarto período tem seu início em 1930 findando em 1942. Nesse, conforme apontado por Teles (1983), ocorreram mudanças significativas nas perspectivas literárias, as quais foram influenciadas pelas escolas romântica, parnasiana, simbolista e moderna.

De acordo com a divisão proposta por Teles, o quinto período começa em 1942 estendendo-se até 1956. Se no terceiro período, acima mencionado, o autor se mostrou otimista com a ebulição intelectual, o mesmo não se pode afirmar deste uma vez que

Um marasmo tomou conta de nossas letras, registrando-se apenas o lançamento de *Poemas e elegias* (1953), de José Décio Filho e *Alvorada* (1955), de Gilberto Mendonça Teles. Esteticamente, adota-se nesta fase o Modernismo defendido por Manoel Bandeira e

Mario de Andrade. É o período mais importante das letras goiana, na poesia e na prosa (Teles, 1983, p. 30).

Objetivando superar o comodismo pelo qual foram tomados os intelectuais, foi criada a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Tal premiação se propôs incentivar a produção literária como elemento crucial para sua efetivação e disseminação.

Outra iniciativa que contribuiu com o surgimento de novos nomes nas letras goianas foi proposta pelo professor, criador e primeiro reitor da Universidade Federal de Goiás Colemar Natal e Silva. Assim, firmou-se com o jornal *O Popular* uma parceria para realização do I Concurso Literário da referida universidade. Tal evento mostrou-se profícuo com as seguintes produções: *Rio Turuna* (romance) de Eli Brasiense (1915-1998), *O caminhão de arroz* (conto) de Bernardo Élis (1915-1997) e *A Poesia em Goiás* (ensaio) escrito por Gilberto Mendonça Teles.

Deste, o autor destaca como eventos que impactaram a produção literária goiana: o Batismo Cultural de Goiânia, a criação da revista Oeste, e a realização da I Semana de Arte em Goiás, evento organizado pela União Brasileira de Escritores de Goiás em 1956.

Em Goiás, o Modernismo tem seu início com a produção de *Ontem* do poeta Leo Lynce, sendo seguido por autores como Afonso e Domingos Félix de Sousa, Bernardo Elis, José Décio Filho, José Godoy Garcia e Gilberto Mendonça Teles, já mencionado neste artigo, dentre outros.

Para além dos mencionados, merecem destaque Eli Brasiense com suas obras *Chão vermelho* e *Pium*. Em 1956 Bariani Ortêncio inicia sua jornada pelo universo literário ao produzir *O que foi pelo sertão* para se tornar um dos principais nomes no cenário literário goiano.

O sexto período do desenvolvimento da literatura produzida em Goiás se inicia em 1956 até a contemporaneidade. Nesse, identificou e identificam-se profundas mudanças em todos os setores da sociedade. Destacamos a criação da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás (atualmente Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC).

O poeta Mario Chamie cria o GEN (Grupo de Escritores Novos) objetivando estimular a produção literária em Goiás pautada na inovação. Sobre esta instituição, a

professora Moema de Castro e Silva Olival em sua obra *Gen-um sopro de renovação em Goiás* publicado pela editora Kelps no ano de 2000 aponta que “Foi, sem dúvida, um divisor de águas na vida literária em Goiás um vento promissor: conhecer, discutir, confrontar para renovar”. A respeito desta afirmativa, Gilberto Mendonça Teles percebe a importância do grupo enquanto incentivador e contribuinte com a literatura goiana, todavia, em relação à superação da velha guarda literária, o mesmo analisa com certa cautela.

Alguns nomes da literatura goiana

Hugo de Carvalho Ramos

Nascido em Vila Boa, antiga capital do estado de Goiás, aos 21 dias do mês de maio de 1895, Hugo de Carvalho Ramos encontrou ambiente propício para o fazer literário uma vez que sua família tinha biblioteca particular. Filho do juiz Manuel Lopes de Carvalho Ramos, que também se dedicava à escrita de poemas, era frequentador assíduo do Gabinete Literário Goiano.

Desde cedo já demonstrava sua vocação para a leitura e a escrita tendo publicado seu primeiro conto aos 12 anos de idade. Observador da realidade que o cercava, seus contos são frutos das anotações que fazia durante as viagens com seu pai pelos rincões goianos.

Sua dedicação à vasta leitura de obras nacionais e estrangeiras produziram frutos muito cedo fazendo-o se destacar dentre os demais. Sua ciência no campo literário despertou a atenção de seus colegas de curso, iniciado em 1916 na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. Ao prefaciар *Tropas e boiadas* em sua 3ª edição, seu amigo Sílvio Júlio assim o descreve:

Aos dezoito anos nenhum de nós possuía estilo definido. Faltava-nos o dom de executar com simplicidade os planos de nossa imaginação. Uma única exceção: Hugo de Carvalho Ramos. Este mostrava-se feito. Escrevia numa linguagem de homem de educação completa. Parecia contar decênios de exercícios espirituais e aperfeiçoamentos. Sua prosa caminhava livre de tropeços, franca e poderosa. De qualquer sorte, Hugo de Carvalho Ramos ocupava o primeiro posto naquele exército de aspirantes. Capitaneava-a de direito e naturalmente (Ramos, 1950, v. I, p. XXIII).

A citação acima explicita detalhadamente a carga literária que Ramos possuía. Seu robusto conhecimento das letras o colocou em lugar de destaque frente aos seus contemporâneos.

Se a bem alicerçada estrutura literária de Ramos era reconhecida pelos colegas de academia, com a crítica literária ocorria movimento semelhante. Sua obra mais conhecida *Tropas e boiadas* (1917) foi amplamente lida e analisada por esse público, dentre os quais Antônio Tôrres, um dos primeiros a comentar sobre a obra, aponta que *Tropas e boiadas*

É o nome de um livro de contos que acaba de vir a lume e cujo autor é o Sr. H. de Carvalho Ramos. O autor parece ser ainda muito jovem, a regular pelas incertezas que ainda se notam na sua maneira de escrever. O seu livro tem defeitos, como tudo nesse mundo; é, porém, interessantíssimo. São contos sertanejos, em que o autor, às vezes com rara felicidade, fixou alguns aspectos dos nossos sertões mineiros e goianos, de que êle revela possuir minucioso conhecimento. O Sr. Carvalho Ramos (a quem não conheço nem de vista) vai ser um dos primeiros escritores de literatura puramente nossa, se quiser continuar a estudar e a evitar a literatura abstrata, cujas criações tanto podem servir para o Brasil como para a China. [...] Talento não lhe falta para vir a ser mestre consumado no conto regional (Ramos, 1950, v. I, p. 121).

A aguçada visão do crítico percebe na escrita de Ramos traços de um novato no campo literário (contava com 21 anos de idade), o que não o impediu de colher elogios por parte do mesmo. Seu profundo conhecimento sobre seu estado e o estado vizinho, transpostos para seus escritos, despertaram para a construção da identidade literária brasileira.

A citação acima é respaldada por Medeiros de Albuquerque que, ao publicar no jornal “A Noite” em abril de 1917, tece as seguintes reflexões:

Crônica literária – Carvalho Ramos – Tropas e boiadas. Tropas e boiadas é um livro de contos Goiano. Livro excelente. Tem vida, tem cor local. Descrições e narrações, tudo é nele muito bom. O número dos nossos escritores que se dedicam a mostrar-nos os costumes locais das várias regiões do Brasil, de um modo característico e inconfundível, não é muito grande. Figuram entre eles, como maiores, Valdomiro Silveira e Viriato Corrêa. Há é certo, na obra de vários outros homens de letras, contos do sertão. Mas, em geral, é um falso sertão. Um sertão contado de oitiva... O fato é compreensível e lastimável. [...] Não é este o caso do Sr. Carvalho Ramos, que não precisa fazer um sertanismo de fancaria, porque o

pode fazer bom e autêntico. Vê-se que ele conhece a fundo a vida dos sertões de Goiás e que tem por ela uma atração imensa (Ramos, 1950, v. I, p. 121-122).

A afirmação está em consonância com o projeto de construção de uma literatura nacional que possibilitasse um contato com outros espaços das terras brasileiras desconhecidas, até então, por parte da população do eixo Rio-São Paulo. A obra de Ramos vai, de certa forma, apresentar Goiás ao cenário nacional. Ainda se observa uma comparação ao que se produzia sobre o sertão que, de acordo com o crítico, era uma visão de fora, de quem não conhecia de verdade as especificidades e características desse espaço, tão familiar a Ramos.

Com a mesma velocidade que conquistou a crítica literária fluminense Hugo de Carvalho Ramos percebe-se deslocado e não adaptado à vida agitada da então capital federal. Isto é comprovado por uma das cartas endereçadas à sua irmã onde relata que “Essa minha ida que me acenava com gestos tão carinhosos, já não me causa prazer algum... Quatro anos aspirei ardentemente a falaz (*sic*) promessa de minha ida... E agora que ei-la quase realizada, encontra-me frio e indiferente” (Ramos, 1950, v. II, p. 209-213). O autor revela-se receoso quanto a se acostumar com a nova rotina, nada comparado com o ambiente pacato de outrora.

Apesar de todo o reconhecimento, admiração e projeções otimistas sobre o jovem e recatado autor, o mesmo não se aclimatou à vida enérgica da nova cidade onde residira. Tomado pelo saudosismo de sua terra e da família, não consegue concluir o curso acadêmico. Sua saúde é debilitada e sua meteórica jornada literária se finda em 1921, aos vinte e seis anos de idade.

Carmo Bernardes

Nascido em Patos de Minas (Minas Gerais) em 1915, Carmo Bernardes da Costa mudou-se para Goiás ainda criança, aos seis anos de idade. Nesse estado residiu em várias cidades, mas, foi o meio rural que lhe chamou a atenção servindo, inclusive, como inspiração para suas obras.

Conhecedor e defensor da fauna e da flora, com destaque para o cerrado, Bernardes coloca o homem como centro de sua narrativa. A exceção só se aplica à sua última produção intitulada *Selva bichos e gente* livro de crônicas publicado em 2003.

Ao descrever o sertão goiano, o autor capta para além do que é visível, o espírito dessa gente. Sua escrita aborda variadas conjunturas como cômicas ou trágicas, ou ainda, uma mescla entre elas. Com escrita sutil e profunda, os enredos são constituídos a partir dos problemas e anseios que afligem os personagens em seu meio social.

Ao se referir a Carmo Bernardes e sua produção, Jorge Amado, escrevendo na orelha da segunda edição de *Jurubatuba* (1972) relata que

Minha ida a Goiânia, deu-me o prazer do conhecimento pessoal do bom camarada, mas só ao voltar para a Bahia, ao ler “Jurubatuba”, pude dar conta da enorme força criadora do tranquilo escritor, quase escondido nos fundos da livraria do Paulo Araújo. Livro no qual o regional se faz realmente universal através de uma narrativa poderosa e clara, admiravelmente simples—e como é difícil chegar a essa simplicidade de uma linguagem pura e límpida! Grande livro, seu Carmo, a colocar o autor nas primeiras filas do ficcionismo brasileiro.

Tomando por inspiração o espaço rural, os bichos, a natureza e os acontecimentos do cotidiano, produção de Carmo Bernardes impulsionou o campo literário goiano com sua escrita simples, porém profunda. Como se percebe na citação acima, sua obra fora lida e analisada pelo renomado escritor baiano, o qual lhe tece elogios, o que robustece a presença dos literatos goianos em nível nacional.

Deixando uma vasta produção que inclui crônicas, contos, livros autobiográficos, romances, e livros sobre o cerrado, Carmo Bernardes deixa a literatura goiana e brasileira órfãs em abril de 1996 aos 81 anos de idade.

José J. Veiga

Nascido em Corumbá de Goiás em 1915, José J. Veiga se apresenta de forma tardia ao universo literário. Sua primeira obra *Os cavaleiros de Platilanto* foi publicada em 1959 quando o autor contava com quarenta e quatro anos. Nesta, ele prioriza o protagonismo infantil, onde, dos doze contos, oito são constituídos por meninos.

Em tom memorialístico Veiga traz abordagens diversificadas como medo, morte, violência, opressão, conflitos internos e familiares, modernidade dentre outros. Os espaços por onde transitam seus personagens são o meio rural ou pequenos povoados típicos do interior do Brasil.

A linguagem utilizada é simples transformando-se numa espécie de diálogo entre o narrador e o leitor. Sobre essa característica Miyazaki discorre que “a simpatia amorosa que mostra pelo Brasil do interior, recriado em grande parte de suas narrativas numa linguagem decalcada poeticamente na linguagem popular dessa região” (1988, p. 1). Talvez esse seja um dos aspectos que despertou a atenção de inúmeros leitores.

A rotina dos meninos de Veiga não difere muito da de outros meninos interioranos, qual seja, estudar, ajudar com alguma tarefa em casa, nadar no rio, pescar, montar o cavalo, visitar a fazenda dos avós, fazer traquinagens e daí por diante.

O conto homônimo ao título de sua primeira obra insere Veiga na vertente literária denominada Realismo mágico ou realismo fantástico. Nesta, o autor inicia sua narrativa com elementos do cotidiano e, a partir de determinado momento, adentra no plano dos sonhos, da fantasia.

Outro ponto que merece destaque na prosa de Veiga são as recidivas memorialísticas. No conto *A usina atrás do morro* o narrador utiliza-se desse recurso: “lembro-me quando eles chegaram. Vieram no caminhão de Geraldo Magela, trouxeram uma infinidade de caixotes, malas, instrumentos, fogareiros e lampiões [...]” (Veiga, 2000, p.15). A singularidade do relato nos remete a um tempo por ele vivido, ou que imagina ter vivido.

Para se compreender os elementos estruturantes de suas obras, torna-se necessário uma análise minuciosa das narrativas que as “pavimentam”. Nessas, o mundo é visto sob a ótica de uma criança. “Pensei que ia ser fácil escrever a nossa história, estando os acontecimentos ainda vivos na minha lembrança” (Veiga, 2017, p. 21). Novamente a questão da memória é arrolada em outro fragmento.

Sua jornada literária de quarenta anos foi profícua, tendo como resultado as seguintes obras e seus respectivos gêneros:

Os cavaleiros de Platiplanta — contos (1959)

A hora dos ruminantes — romance (1966)

A estranha máquina extraviada — contos (1967)

Sombras de reis barbudos — romance (1972)

Os pecados da tribo — novela (1976)

O professor Burrim e as quatro calamidades — infantil (1978)

De jogos e festas — novelas (1980)

Aquele mundo de Vasabarro — romance (1981)

Torvelinho dia e noite — romance (1985)

Tajá e sua gente — infantil (1986)

A casca da serpente — romance (1989)

O risonho cavalo do príncipe — romance (1993)

O relógio Belisário — romance (1995)

Objetos turbulentos — contos (1997)

A dedicação de Veiga ao campo literário, bem como a qualidade de suas obras foram reconhecidas nacional e internacionalmente. Teve como prêmios: Prêmio Jabuti 1981, 1983 e 1993 e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1997. Vindo a falecer em 1999, no Rio de Janeiro.

Bernardo Élis

O também nascido na cidade de Corumbá de Goiás, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, forma com os dois autores anteriormente elencados, a tríade de autores goianos nascidos em 1915 (Carmo Bernardes nasceu em Minas Gerais), mas veio ainda criança para Goiás onde desenvolveu sua literatura.

A cidade onde Bernardo Élis nasceu foi fundada em 1731 e pertence, portanto, ao ciclo do ouro em Goiás, no qual, fora utilizada a mão de obra escrava. Vinte e sete anos separam a assinatura da Lei Áurea com o nascimento do autor. Fatos, pelos quais, talvez, se explique o número de personagens negros arrolados em sua escrita. Para além desses, a obra de Élis é povoada por descendentes de indígenas, crianças, doentes, pobres, ricos, valentões e tantos outros.

Sua obra mescla elementos do cotidiano com outros carregados de aspectos grotescos, sombrios, e, não raras vezes, sórdidos. Talvez isso explique o fato de sua escrita ter causado espanto nos leitores à época. Tão rápido quanto provocou a perplexidade, surgiram também os elogios. Na obra *Súmula da Literatura Goiana*, Álvaro Goyano e Augusto Catelan apontam que

Bernardo Élis, em consciência com o grupo “Oeste” revista defensora dos ideais Modernistas, introduziu, definitivamente o

movimento iniciado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em Goiás. Apesar de ter tentado a poesia fixou-se, de vez, na prosa, representando o que há de melhor no regionalismo de Goiás e projetando as letras anhanguerinas no plano nacional (Catelan; Goyano, 1968, p. 160).

Por seu turno, Gilberto Mendonça Teles, acima citado, amplia os comparativos de elementos que compõem as narrativas de Élis. Com certo entusiasmo, alinha-as a nomes já consagrados a nível nacional. Ele discorre que

Foi o primeiro dentre nós a refletir influências da linguagem de Bandeira e Mário de Andrade, escrevendo poemas cujo objetivo era mais provocar do que encantar a público leitor. Apegou-se aos poemas-piada, adotou soluções antipoéticas e procurou carrear para seu poema toda uma linguagem revolucionária que ele soube utilizar para o aproveitamento de temas regionais, de cor local e humanos, que muitas vezes escandalizavam os leitores da época (Teles, 1983, p. 139).

Primeiro escritor goiano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, o autor traz para sua prosa a essência da literatura regionalista. Ao tecer sua análise sobre este campo, Alfredo Bosi (2006, p.427), comenta que “Bernardo Élis representa [...] o ponto alto do regionalismo tradicional”. Nesse sentido, percebe-se a tenacidade da literatura brasileira produzida em Goiás no plano nacional.

O crítico literário Evanildo Bechara ao ponderar sobre os enredos criados pelo autor assegura o enquadramento “no que se costuma considerar literatura de protesto” e reitera que são formados a partir de “reproduções do que viu, ou do que lhe chegou ao conhecimento por informação fidedigna” (Bechara, 1976, p. XI). Nesse cenário, o contexto forneceu-lhe insumos para seu fazer literário.

Pode-se depreender na contística de Bernardo Élis o apegar-se às memórias de sua infância e transpô-las em seus contos. O cenário rural com seus elementos, personagens e acontecimentos serviram como pano de fundo. O rancho “ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios e o terceiro por uma vargem de buritis. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa e podia-se vadear perfeitamente” (Élis, 1987, p. 05). Nesta, o autor relata a geografia e as condições onde morava a família “dos Anjos” há mais de oitenta anos.

Bernardo Élis nasceu na cidade de Corumbá de Goiás e aí faleceu em 1997, aos 82 anos. Dentre sua vasta produção destacam-se: os contos *Ermos e Gerais* (1944) e *Veranico de janeiro* (1966), o livro de contos *Caminhos e descaminhos* (1965), o romance *O Tronco* (1967) sua *Magnum opus*.

Vozes femininas na literatura goiana

Leodegária de Jesus

Leodegária Brasília de Jesus nasceu em 1889 na cidade de Caldas Novas, mudando ainda criança para a cidade de Jataí, também em Goiás. Sua vocação para a escrita manifestou cedo, tendo publicado sua primeira obra, *Corôa de Lyrios* em 1906, aos 17 anos de idade.

Mulher, negra em uma sociedade marcada pelo forte patriarcalismo, Leodegária percebeu muito cedo os caminhos que deveria seguir para superar essas diferenças. Dedicou-se intensamente aos estudos o que a tornou destaque da turma nas séries iniciais. De acordo com o posicionamento de França (1998, p. 63), “[...] Sem sombra de dúvidas, a ex-aluna mais brilhante e famosa dessa escolinha primária, pois foi ali que aprendeu a ler em tenra idade, descortinando então os seus olhos o mundo encantado das palavras”. Sua investida nos estudos pavimentou seu caminho para a produção literária.

Os constantes deslocamentos da família fizeram com que se mudasse para a Cidade de Goiás, onde conheceu Cora Coralina. De acordo com as pesquisas empreendidas por França (1998) e Denófrio (2019), as perseguições políticas sofridas por seu pai, impediram-na de cursar Direito, curso composto apenas por homens.

A vida de Leodegária foi marcada pela alternância de alegrias e tristezas. Aos 14 anos, a adolescente conhece o primeiro e único amor de sua vida. Conforme Denófrio (2019, p. 35) “Ele tinha, ao conhecê-la, 17 anos e ela 14. O rompimento forçado veio aos 15 anos dela”. Tal fato é endossado por Rezende (2018, p. 142), ao afirmar que a poetisa “viveu intensamente a vida cultural da cidade, as decepções e as dores pelas quais passou, e viveu e sofreu intensamente o único amor que teve na vida”. Se os sucessos nos estudos e na escrita chegaram cedo, as decepções sentimentais idem.

Referindo-se ao desbravamento no campo literário imprimido por Leodegária, Rezende (2018, p. 142-143), discorre que “era a primeira mulher em Goiás a publicar um livro literário. A dor do amor, entrecruzada com a decepção sociopolítica, deu a ela, de cabeça erguida, um lugar de destaque na sociedade goiana [...], ocupado somente por homens”. Os percalços pelos quais passou forjaram uma mulher de vanguarda literária.

Os constantes deslocamentos, somados a outros fatores, anteriormente abordados, não contribuíram com o desenvolvimento literário da poetisa. Conforme Rezende (2018, p. 143), “um período de vivência e de dor e de silêncio poético”. Por causa de tantas intempéries, foi somente em 1928, aos 39 anos, que Leodegária de Jesus viria a publicar seu segundo livro, *Orchideas*.

As pesquisas apontam que a trajetória de Leodegária de Jesus foi marcada por dores, angústias, deslocamentos, decepções, todavia, nada impediu que se tornasse pioneira na publicação de contos em Goiás. Faleceu em 1978, aos 89 anos.

Cora Coralina

Nascida na Cidade de Goiás em 1889, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas adotou para a literatura o pseudônimo Cora Coralina. A doceira “Aninha” publica seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás* quando já contava com 76 anos de idade.

A poetisa divide opiniões dos críticos pelo conjunto de sua obra, dentre os quais Gilberto Mendonça Teles ao apontar os poemas extensos, falta de tonalidade poética e falta de consistência rítmica. Isto não é raro no campo literário. Fausto Cunha (2005, p. 8-9), ao analisar a crítica elaborada à obra de autor conhecido nacionalmente, afirma que “Não só Mário Quintana, outros poetas e alguns romancistas brasileiros têm pago por parecerem demasiado fáceis para a sede decifratória de nossos escolistas”. Nesse sentido, obras como as do literato supracitado, são taxadas de menores.

Ao examinar as percepções sobre Cora Coralina, a crítica literária Darcy França Denófrío (2004, p.24-25) afirma que “A crítica, em Goiás, após a estréia de Cora Coralina em 1965, naturalmente muito antes de ela ser proclamada por Drummond, em 1980 [...] fez restrições ao tom lírico narrativo de seus poemas [...]”.

Diante desta afirmativa percebe-se que os críticos não tinham uma visão aguçada sobre a produção da autora.

E reitera que “[...] quase todos os críticos, quando não lhe torciam o nariz, batiam na mesma tecla: ‘é mais prosadora, do que poeta’. Mediante o exposto, pode-se inferir as tentativas de silenciamento de Cora no seio de uma sociedade e um campo dominado por homens.

Em 1978 a Editora da Universidade Federal de Goiás (UFG) publicou a segunda edição da obra *Poemas dos Becos de Goiás* sendo um destes enviado ao poeta Carlos Drummond de Andrade que, não tendo mais informações sobre a escritora, dá devolutiva à universidade:

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979. Cora Coralina. Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade.

A partir da resposta de Drummond as obras de Cora Coralina conquistaram o cenário nacional. A admiração do poeta o levou a publicar no *Jornal do Brasil*, em 1980, uma crônica intitulada *Cora Coralina, de Goiás*. Tal feito sacramentou o nome da poetisa. Concernente a isto, Andréa Delgado (2003, p. 223) discorre que “[...] tornar-se-ia o marco da divulgação nacional da figura humana e da obra de Mulher-Monumento. [...] Inicia-se, assim, o processo de superexposição na mídia, multiplicada pelas homenagens que a poeta recebe nos últimos anos de vida”.

Pautada pela resiliência, Cora Coralina fez sua voz ser ouvida para “além do Paranaíba”. Com linguagem simples, sua obra atingiu, conforme Yokozawa (2002, p.6), um “[...] heroísmo poético que reabilita a periferia, a marginalidade, a clandestinidade, a poesia coralineana subverte e reorganiza a história oficial”. O engajamento da autora permite com que saia da invisibilidade para ocupar espaço entre os principais nomes da literatura.

Cora Coralina a partir dos “becos de Goiás” não se deixou abalar pelas circunstâncias impostas por uma sociedade excludente e machista. Sua perseverança

lhe rendeu contos, poemas e diversas premiações, o que a tornou uma das mais conhecidas e importantes poetisas do Brasil. Faleceu em 1985, aos 95 anos.

O processo de construção da literatura em Goiás foi dificultado por diversos fatores elencados no desenvolvimento desta pesquisa. Todavia, os autores transpuseram as barreiras geográficas e apresentaram o que aqui era, e é produzido no campo literário. Se para os autores essa projeção fora marcada por obstáculos, as autoras foram, pelo que percebeu-se, submetidas a processos de silenciamento e apagamento.

Talvez, esse fato seja justificado pelo patriarcalismo que elaborava e fazia cumprir as diretrizes que regiam a sociedade nos períodos analisados. Se para as autoras brancas os desafios para disseminar suas produções literárias não era tarefa fácil, para as mulheres negras era quase impossível. Nesse sentido, o fazer literário em suas diversas formas foi utilizado como forma de resistência contra a sociedade branca, machista e patriarcal.

Considerações finais

As pesquisas apontaram que a construção literária em Goiás foi marcada pelos mais diversos fenômenos. O distanciamento geográfico e a falta de interesse dos administradores foram levantados como impeditivos para seu amadurecimento concomitante aos de outros estados. Somado a esses, teve-se a dificuldade de acesso às novidades que surgiam na Europa.

Aos poucos, os talentos foram surgindo nas terras anhanguerinas e logo se alastrando por todas as vertentes do campo literário. A chegada da imprensa muito contribuiu para difundir as escritas dos autores goianos que, recorrendo às suas memórias da infância, mostraram em prosa e verso a natureza, os fatos marcantes, a cultura, os costumes e credices nesses sertões.

Percebeu-se que, se para os homens o caminho foi árduo, para as mulheres as tentativas de silenciamento e apagamento tornaram sua inserção nesse universo, quase impossível. Resiliência, superação e resistência talvez expressem as forças empregadas pelas pioneiras que deixaram seus nomes registrados na história da literatura goiana.

Referências

BECHARA, Evanildo. “Bernardo Élis (Apresentação)”. In: ÉLIS, Bernardo. *Seleta*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. VIII-XVI.

BERNARDES, Carmo: *Jurubatuba* – romance, 1972. Dep. Estadual de Cultura – GO.

CATELAN & GOYANO. *Súmula da Literatura Goiana*. Goiânia: Editora livraria Brasil Central, 1968.

CUNHA, F. *Os melhores poemas de Mário Quintana*. 17. ed. São Paulo: Global, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

DELGADO, A. F. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. 498f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

DENÓFRIO, D. F. (Org.). *Os melhores poemas de Cora Coralina*. São Paulo: Global, 2004.

DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Câne Editorial; Livraria Leodegária, 2019.

FRANÇA, Basileu Toledo. *Velhas Escolas*. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

YOKOZAWA, S. F. C. Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: *Encontro de professores de Letras do Brasil Central*, 3, 2002, Brasília. Anais... Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MIYAZAKI, Tieko Yamaguchi. *José J. Veiga - De Platiplanto a Torvelinho*. São Paulo: Atual, 1988.

RAMOS, H. de C. *Obras completas de Hugo de Carvalho Ramos*. v. I e II. São Paulo: Panorama, 1950.

REZENDE, Tânia Ferreira. A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus. *Revista Plurais – Virtual*, Anápolis-Go, vol. 8, n. 1, jan./abr. 2018.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiás: UFG, 1983.

Recebido em: 31/10/2024

Aceito em: 12/05/2025